

O POVO

ORGÃO—NEUTRAL—DOS INTERESSES MORAES E MATERIAES DA PROVINCIA.

Assignaturas

POR UM MEZ..... 1\$000

Lei, Progresso, Liberdade.

Publicação

Uma vez por semana

Redactor e Editor—responsavel—J. M. Velasco.

O Povo

Acba-se finalmente entre nós. S. Ex. Rev.^{ma} o Snr. Bispo D. Carlos Luiz de Amour.

Que é esse um importante motivo de geral regosijo, provam-n'o—a auidade com que era S. Ex. Revm. esperado,—a entusiastica alegria com que foi recebido,—as manifestações de apreço e estima de que tem sido cercado desde o dia de sua boa vinda á sede da sua diocese.

E que não ha ali alma alguma sinceramente amiga da verdadeira Igreja Christã, que se não sentisse profundamente contristada, revoltada mesmo, ante o lamentavel espectáculo da desmoralisação e aviltamento, seja-nos licito dizê-lo, em que pouco e pouco e progressivamente ia cahindo a Igreja Cuiabana, que, dir-se-hia, entrara em um periodo fatal de desorganisação, de dissolução, cuja consequencia—não podia ser senão o cahos—ou a morte,—se vontade energica e forte a não sustivesse á tempo.

Sabe S. Ex. Revm. que a parte ignorante do nosso povo, quer dizer, a maior parte da população do Brasil, só conhece da nossa religião,—e isso mesmo de vista,—os seus actos externos, o principal dos quaes o Santo Sacrificio da Missa, é resado em latim, que elle não entende,

O que propriamente se póde comprehender por educação religiosa—e é bebida—parte no ensinamento oral e escripto (moral e religioso) e parte (esta a mais influente) no bom exemplo dos mais competentes para dâ-lo,—os padres, os intermediarios terrenos entre Deus e a sua fragil creatura, os nossos paes espirituaes emfim,—essa não deram ao povo,—elle não a tem.

Tem, sim, o respeito, o culto á tradição, o que vulgarmente se chama—religião bebida com o leite materno,—á doce e veneranda recordação dos tempos em que a carinhosa mãe, entre severa e risouha, o ensinava á noite e ao amanhecer, á juntar as mãos e a repetir a sublime supplicaçao—«Nosso Pai, que está no Céu».

Esta religião, porém, que lhe fica como uma especie de intuição, e não

mais que um bom germen, que, precisa—de cuidados, de cultivo, para desenvolver-se e produzir os fructos desejaveis,—porque sem elles permanecerá inerte e inaproveitavel ou perderá atrophiada ou esmagada sob os cuidados do século.

—Ama a—igreja,—porque a igreja é a representação material d'aquella sagrada tradição, o sancionario de suas esperanças, o foco de irradiações benéficas e salutaras, onde vai esquecer os soffrimentos passados e beber forças para os futuros,—porque a igreja é para elle—a religião.

E quando vê que a casa em que se lhe diz que habita o Deus Vivo, nada mais é na realidade que um centro de discórdias e de intrigas, onde á par de interesses tacanhos e inconfessaveis, as mais condemnavéis paixões se chocam, debatem-se e dilace am-se—publicamente, á face de Deus e dos homens,—elle, o povo ignorante, que julga da religião pelo que d'ella vê,—descre da religião, por que descreo da igreja,—descre do altar, porque descreo dos ministros do altar.

Se o nosso povo,—e especialmente o povo Matto-Grossense, não tivesse tão sap e desenvolvido o germen de que acima fallamos,—á fé quasi instinctiva, á fé—dogmatica, catholica,—a fé que manda «crer ainda que pareça absurdo»,—é provavel que S. Ex. Rev.^{ma} viesse encontrar as suas ovelhas—completamente e para sempre desgarradas do aprisco.

Não as encontrou assim:—ainda bem.

Os seus trabalhos serão arduos.... Embóra,—tenhos esperanças de que os levará avante, porque vemos em S. Ex. Rev.^{ma} compendidas as boas e grandes qualidades necessarias para que os seus diocesanos se tenham por garantidos da realisação de uma das suas mais caras aspirações,—o engrandecimento e a prosperidade da sua igreja, livre dos abusos que a macilam,—isto é,—á lapidação do seu diamante.

Não seremos nós entretanto quem aconselhe a S. Ex. Rev., rigores, que, é nossa opinião, conseguiriam apenas exacerbar animos e apressar esse desmoronamento imminente, que é preciso susar á todo transe.

Ao contrar'o:—pensamos que deve S. Ex. Revm. fazer do primeiro dia da sua administração, a data memoravel de uma nova era,—era de paz, de amor, de concordia, de charidade christã, emfim, e sobretudo de bons exemplos, que é do que mais precisa o povo.

Christo um dia expulsou do templo os mercadores...

Não pedimos tanto á S. Ex. Revm. Expulse do templo as mercadorias e terá feito muito.

O resto o fará o tempo, a instrucção e—super omnia—á Providencia Divina, —Deus!

Temos a honra e o prazer de apresentar á S. Ex. Revm. e Snr Bispo da Cuiabá os nossos respeitosos e sinceros cumprimentos.

J. M. Velasco.

Echos da Siberia

Pelo governo imperial foram nomeados—para os cargos de 1.^o Vice Presidente e Commandante Superior da Guarda Nacional da Provincia S. Ex. o Snr. Dezembargador Firmo José de Mattoz—e para o de 2.^o Vice-Presidente da mesma—o Snr. Tenente Coronel José Leite Galvão.

Comprimetamo-los com prazer

Para destruir falsos e calumniosos juisos e evitar novos temerarios equivosos, declaramos, com plena sciencia do que affirmamos, que o epitheto—excomungado [vilejo n.º 14 do POVO] com que o Padre Casimiro Ponce Martins, vigario encommendado de S. Luiz de Cáceres, tem brindado o nosso amigo—Padre Virgilio Franco da Silva, Capellão do batalhão 19, alli estacionado,—tem origem—não em procedimentos indignos de um homem de bem,—mas simples e unicamente no facto de ser o mesmo Sr. Padre Virgilio—MAÇON.

Eis a verdade.

No dia 21 de Abril ultimo, das 8 ás 9 horas da noite, no lugar denominado Bahia—Verde, a margem do S. Lourenço, foi assassinado com uma facada, por um escravo do Senr. Augusto

Carstens, de nome—Benedicto.—o Sr. Jørgen Christian Carstens, irmão do mesmo Sr. Augusto.

O Subdelegado do districto procedeo ao necessario corpo de delicto sobre o cadaver da victima e remetteo o auto respectivo para Corumbá.

O assassino fugio—rio-acima.

O Sr. Augusto ao saber da horrivel noticia, dirigio-se á Secretaria da Policia á dar parte do succedido e á pedir uma escolta para a apprehensão do assassino.

Não sabemos que providencias tomou á respeito o individuo que actualmente exerce o cargo de chefe de Policia.

Informão-nos que—nenhuma.

A victima era natural da Allemanha, de onde viéra como colono para esta Provincia.

Ultima hora.

O individuo Pedra está querendo principiar á tomar providencias!!!



Teve lugar, sabbado passado, o annuenciado espectáculo—offerecido pela sociedade dramatica particular—*Amor á Arte*—em beneficio da Exm.^a Srr.^a D. Corsina Honorina Pelxoto Pitaluga.—um dos mais brilhantes ornamentos do digno corpo scenico da mesma.

Foram levados á scena—*O Anjo Maria*,—drama em 3 actos, de um merecimento moral e intellectual indiscutivel.—e a fina e espirituosissima comedia de Pinheiro Chagas, o popular escriptor portuguez, intitulada—*Quem desdenha*....

O desempenho tanto do drama como da comedia, foi geralmente satisfatorio,—conquistando ainda uma vez,—e com inteira justica, os applausos de todos, essa pleiade de moços intelligentes e dedicados, que tantos sacrificios têm feito para erguer o nosso theatro das ruínas sob que achava-se submerso, dir-se-hia que—para sempre.

Findo o 1.^o acto do drama, erguido o panno, no palco e em presença do corpo scenico, o Srr. João de Castro, um dos seus distinctos e intelligentes membros, recitou uma bella poesia dedicada á Exm.^a Srr.^a D. Corsina, terminada a qual, o Srr. Oliveira, em seu nome e no de seus companheiros, em breves palavras, offerrou a mesma Exm.^a Srr.^a um rico album, em prova e como lembrança, da estima, apreço e consideração que justamente lhe sagram e de que tão merecedora se tem feito.

O Srr. A. Jansen Tavares, ao subir o panno para o 1.^o acto, fez distribuir em impresso, pelos espectadores, um pequeno mas entusiastico discurso em homenagem ao merito da intelligente e festejada joven,—á

quem, por nesso turno, o seu nome de todos os que presenciamos e applaudimos a o seu triumpho.—cheio de respeito e de admiração—comprimntamos.

Reproduzimos aqui, á pedido da Exm.^a Srr.^a D. Corsina,—como um publico testemunho da sua gratidão,—as palavras de reconhecimento que do palco dirigio aos seus collegas e aos espectadores.

«Muitas senhoras e meus senhores.—Perdoe-me se fraca pela intelligencia e pela instrucção e—fraca ainda mais pela justa commoção que me domina, eu venho dizervos—n'este momento tão solemne para mim, não mais que uma palavra, mas essa tão profundamente sincera, tão profundos e sinceros são os sentimentos que por vós me palpitam: n'alma reconhecida:

Obrigada.

Obrigada aos meus companheiros de trabalho, pela nobre idea que iniciaram:—obrigada á vós, pelo modo brilhante e digno porque os ajudastes á realisá-la.

Sois todos bons e nobres, senhores.

Que Deus vos pague em bençãos o beneficio que fazeis-me,—a felicidade que ora enche-me o coração.

Obrigada, oh! mil vezes e para sempre—obrigada.»



Em sessão da camara dos deputados, em 8 de Março ultimo, por occasião da discussão (2.^a) do orçamento do ministerio de estrangeiros, pronunciou um dos nossos deputados, o Srr. Dr. Malheiros, um applaudido discurso, cujo resumo, por não nos ser possível mais, damos na secção competente,—transcripto do Cruzeiro.

SECÇÃO LIVRE

Camara dos Srs. deputados.

Sessão em 8 de Março de 1879.

(Entra em 2.^a discussão o projecto relativo ás despezas do ministerio do estrangeiros para 1879—1880.)

O Srr. Malheiros, antes de começar a discutir o projecto, deseja que a mesa lhe informe se o pôde fazer independentemente da presença do ministro da respectiva pasta.

O Srr. Presidente informa que, segundo o regimento, foi enviado ao nobre ministro dos negocios estrangeiros a ordem do dia, pela qual S. Ex. veria que entrava hoje em discussão o projecto de orçamento do ministerio á seu cargo.

O Srr. Ministro da Fazenda, pedindo ao orador licença para interrompê-lo diz que o nobre presidente do conselho, ministro interino dos negocios estrangeiros, se não estava presente, era porque assistia no senado a discussão do projecto de resposta á falla do throne: que, porém, o orador e os seus collegas presentes estavam comp-

tos a dar qualquer explicação que fosse solicitada. Contudo, immediatamente o orador expediu aviso ao nobre presidente do conselho de que entrava em discussão o orçamento do ministerio dos negocios estrangeiros.

O Srr. Malheiros diz que ha tres escolas de oratoria parlamentar: classica, romantica e realista.

A escola classica se caracteriza d'este modo: *serpipedalia verba*; é a escola dos palavões, que rouba o tempo, protella as discussões.

A escola romantica é a das flores de rhetorica, *inania verba*, sem nenhum resultado practico.

A escola realis a é a de *res non verba*, dos factos, e não sómente para mostrar dotes oratorios.

Para não destoar da escola realista, a que pertence, o orador entra na discussão.

Tomou a palavra contra, porque quer apresentar algumas observações sobre as emendas offerecidas pela commissão de orçamento, de que se occupa.

Acha que em certos paizes, como na Austria-Hungria, Italia, Russia e Prussia, devemos abolir os legados de enviados extraordinarios e ministros plenipotenciarios, ficando apenas os encarregados de negocios.

Em casos extraordinarios, como o da guerra do Paraguay, admite esses enviados extraordinarios: mas em paizes com os quaes temos apenas interesses commerciaes, não sabe o orador para que aquellas legações.

Entende que os paizes onde deveriam ellas ficar, são a Inglaterra, os Estados-Unidos da America do Norte e a França.

Propõe, portanto, a suppressão desses enviados extraordinarios, porque entende que é um luxo diplomatico.

A' vista das declarações que lhe faz o nobre relator da commissão de orçamento, que diz que, se necessario for, serão supprimidas todas as legações, o orador folga, porque pensava estar dizendo alguma coisa desagradavel.

Ocupa-se da nossa legação em Roma, onde della não ha necessidade.

Entende o orador que não se pode manter essas legações, por estar o paiz em uma epocha de necessidade e penuria, em que deve fazer toda a economia.

O orador narra uma anedocta de um fazendeiro com um individuo, que casara com uma moça rica e apresenton-se em sua fazenda vestido de certo modo luxuoso, mas impróprio e de mau gosto, anedocta que dá a moralidade do facto de não saber ser rico.

Então diz o orador que nós temos tido pouca practica de sermos ricos, embora a Providencia nos proteja escandalosamente, se lhe permittem a expressão.

Não sabe quando terá fim esse doleixo que nos tem trazido tantas difficuldades: diz que é necessario termos juizo e que não conseguimos entrar no caminho da verdadeira economia e prosperidade enquanto houver ESCRAVATURA.

Em sempre assim...
PARA S. EX. O SR. GENISTRO
D'AGRICULTURA E PRO-
VIDENCIA.

Não de agronomos de há muito tempo, que, por tolerancia ou condescendencia nesses termos deixado de occupar a imprensa chamando por intermediação d'ella a attenção do governo para as faltas de remissa de correspondencia, pelas agencias da correio do sul do imperio, aos respectivos desfructuarios.

Hoje, porém, resolvemos dar um passo n'esse sentido, occupando as columnas do «Povo».

São revoltantes e assaz censuraveis essas faltas que continuamente se dão, em detrimento do interesse particular.

Cartas e jornaes por nós remettidos desta cidade á alguns amigos nas provincias, uma ou outra vez tem sido entregues e assim vice-versa.

Om, que se pretenda occultar dos olhos do paiz esses periodicos *audaciosos* que *inconvenientemente* da guetrecipiam os actos governamentais menos justos, embora seja essa medida absurda e universal... va lá... A corrupção vem do alto (segundo a phrase do finado Inhamerim) e d'ella é que baixam as providencias e remedios *salutares*. Silêncio!

Podem, que nos roubem as cartas dos nossos amigos, ou d'aquelles com quem entretemos relações commerciaes, causallido-nos ás vezes gravissimos prejuizos, que nos roubem jornaes governistas e até mesmo os officiaes... é demais!

Este crime, que crime é, dá-se quotidianamente no Brazil,—sem que os clamores dos pacientes consigam atrahir a attenção dos homens encarregados de velar pelo nosso bem estar e interesses geraes.

Entretanto o antidoto contra este grande mal só nos pode vir do Governo—e enquanto não o debellar elle,—o mal existirá e cada vez em maior escala.

Appellamos portanto para as escla-recidas providencias do sr. Ministro d'Agricultura sobre este importante assumpto.

Será bom S. Ex. attender-nos; pois si a nossa fraca voz echôr nas altas regies governamentais,—attendidos serão tambem os interesses do povo.

Cuyabá, 9 de Maio de 1879.

O bem publico.

A pedido

Attenção

Roga-se ao Sr. Dr. Chêfe de Policia (vulgo,—o individuo Pedra), o favor de averiguar si é ou não exacto que o Subdelegado das Brétas, depois de haver procedido ao exame do corpo de delicto do cadaver ou, fallecido José

Paes, arranjou uma conta de custas na importancia de 1100000 que a viuva teve de pagar-lhe, segundo consta.

Despedida.

Antonio de Abreo Filho, retirando-se desta cidade e não podendo por falta de tempo despedir-se de todas as pessoas q' o honraram com a sua amizade, vem por este meio pedir-lhes desculpa dessa falta se offerecer-lhes seu limitado prestimo no Rio de Janeiro e Paris, sua residência.

Cuyabá, 2 de Maio de 1878.

Annuncies

Antonio de Abreo Filho, representante da casa de Machado & Dias Abreu, do Rio de Janeiro, participa aos srs. negociantes d'esta praça que tendo de retirar-se desta provincia deixa como encarregados da venda de um sortimento de chapeos de diversas qualidades, os srs capitão Gabriel de Souza Neves, Tenente Salvador Pompeo de Barros Sobrinho, Tenente João Baptista de Almeida Filho e Capitão Antonio Moreira Serra.

Cuyabá, 2 de Maio de 1879.

Vende-se—uma escrava de 30 annos de idade, mais ou menos, com todos os prestimos para uma casa de familia.—Para tratar-se, em casa do Sr. Carlos Pompeo de Barros,—rua da Bella-Vista [antiga Formosa], n. 17.

Cuyabá 5 de Maio de 1879.

O abaixo assignado, no dia da chegada á esta capital de S. Ex. Rm. o Sr. Bispo, perdeu no Porto, ou em caminho do Porto, um anel de ouro, com pedra verde, joia essa de pouco valor monetario, mas de inestimavel preço para o abaixo assignado, por ser uma dadia e uma lembrança de sua mãe.

Pede pois a quem o tenha achado que lhe faça o favor (porque será sempre grato) de ent. egual-o ou fazel-o entregar em casa do sr. Tenente Salvador Pompeo de Barros Sobrinho, cu na Typographia do «Povo», rua do Barão de Melgaço n. 39.

O portador receberá a gratificação de 200000 reis.

Cuyabá 4 de Maio de 1879.

Antonio Dias Abreu Filho.

No armazem dos Srs. Gouvêa e Comp., na ponte do Rozario, em frente a casa do finado Tenente Coronel Lauriano, encontra-se variado sortimento de louça, fina e grossa, e bem assim bebidas finas, manteiga de superior qualidade e muitos outros artigos, tudo por preço sem igual.

Cuyabá 9 de Maio de 1879.

Gouvêa & Comp.

Joaquim Claudionor de Siqueira e Elisiario Antonio de Souza, participão á esta praça e aos seus amigos que formarão uma sociedade commercial sob a firma—Claudionor & Souza—Aproveitão a occasião para pedirem tambem aos seus amigos e ao respeitavel publico á virem visitar o seu estabelecimento na rua 7 de Setembro n. 21; promettendo empregarem seus esforços para bem servir lhes, tanto nos preços como na qualidade da fazenda & &

Cuyabá 24 de Abril de 1879.

Joaquim Claudionor de Siqueira
 Elisiario Antonio de Souza.

O abaixo assignado, competentemente autorizado, abriu uma escola particular á rua do Baixo do Melgaço n. 30, onde ensina a ler, escrever, a pratica das quatro operações Arithmeticas, elementos da grammatica portugueza, franceza e latina, para o q' convida aos pais de familia que quizerem a instrução de seus filhos nessas materias, a dirigirem-se ao annunciante a fim de se ajustarem a respeito.

Cuyabá, 1 de Maio de 1879.

Padre José Felis Bandeira.

Vende-se

Uma escrava, de trinta annos, mais ou menos, de idade, com todos os prestimos não só para serviços domesticos, como para serviços de loja. A' tratar, na rua 11 de Julho, casa n. 39

Typ. do Povo, á rua do Barão de Melgaço, casa n. 39.